

O rugido do ornitorrinco

GERALDO FORBES

Bicho muito estranho, o ornitorrinco. É um anacronismo ambulante. Um sobrevivente da pré-história que, nunca tendo tido a oportunidade de ler Darwin, esqueceu de evoluir. É o mesquinho que há milhões de anos trocava impressões com os dinossauros. Estes se foram, o ornitorrinco ficou.

Há outros remanescentes da pré-história vagando sobre a Terra e a barata, a invencível cucaracha, é o seu mais notável exemplo. Entretanto, nenhum deles, ou mesmo nenhum outro animal, parece tão único quando o "platypus". O danado é meio pato — ave —, põe ovos, mas é mamífero. A fêmea não tem tetas, mas o filhote suga o leite com sua bicanca. O macho tem esporas venenosas e todos são extremamente vorazes. Comem, a cada dia, seu próprio peso em alimentos, o que dificulta o seu cativeiro. Por isto até hoje mantêm seu esplêndido isolamento. Vivem onde sempre viveram e só lá. Na Austrália. Estão em extinção.

A Austrália, vejam só, um dia adotou o Brasil e também colocou o Cruzeiro do Sul na sua bandeira. Pois agora o Brasil vingou-se introduzindo no Congresso uma notável récula de ornitorrincos. O que seria até engraçado se essa constelação de homens pouco brilhantes não estivesse, com suas ações reacionárias, pondo em risco a evolução e o futuro do País.

Os nacionalistas de 1988 estão, na verdade, estacionados na pré-história da política internacional. Sua visão era moda antes da II Guerra e não há nada mais obsoleto que isto. Folhearam Marx, mas não leram Gorbachev ou Deng. Acreditam em Afonso Celso, em candomblé e vários votam no Sarney. Desconhecem os progressos da ciência — as novas cerâmicas, os novos supercondutores, as fibras óticas, a inteligência artificial. Deslumbram-se com artifícios da inteligência. Têm medo do homem branco e o exorcizam fazendo micagens. Coisa de Índio e de macaco do Congo. Querem guardar o cobre e o ferro para nossos bisnetos fazerem panelas e pontas de flechas daqui a cem anos.

Esta coluna tem lutado contra o favorecimento aos grandes grupos e de resto contra a cartorialização sempre crescente de economia. Tem criticado os abusos das empreiteiras e dos oligopólios e tem combatido a submissão às imposições dos bancos estrangeiros. Está,

portanto, perfeitamente à vontade para dizer que os ornitorrincos do Congresso cometeram solene e retumbante besteira ao virtualmente proibir a melhor e maior exploração de nossas potencialidades minerais e ao entronizar o dinossauro Mussolini na nova (?) Constituição.

Independência é dinheiro no bolso e não minério na cova. Dependência é ter de importar o que temos dormindo nas profundezas, criando bicho, até não ser mais útil ou valioso. Nacionalismo de verdade é riqueza hoje, para um país atrasado e miserável. Entreguismo e servilismo é a curtição da fome, em cima da padaria. Servilismo ao preconceito, servilismo à insegurança. A doença de espíritos colonizados e retrógrados que se pensam livres e avançados. A valentia estéril e ruinosa das batalhas imaginárias contra as conspirações inexistentes das assombrações infantis.

Os fósseis peripatéticos, que saudaram com gritos de guerra sua vitória de Pirro, nem sequer perceberam a quem serviam, eles e as baratas, esses insetos oportunistas e sorrateiros, com eles ocasionalmente alinhados nessas votações.

Se tivessem parado para pensar, veriam que os votos (comprados) dos cucarachos nordestinos e afins foram, desta vez, pagos pelos lobbies dos empreiteiros e dos oligopólios nacionais. O fechamento do subsolo inibe a entrada dos estrangeiros, mas inibe também a livre iniciativa da pequena empresa, carente de técnica e de recursos. A sacralização do subsolo serve apenas aos grandes grupos nacionais, a quem fica, de fato, reservado. Desserve o País.

Quando carregaram em triunfo, pelos corredores do Congresso, o mapa das concessões minerais — em atitude, aliás, ridícula e melancólica de tão subdesenvolvida —, os valentes guerreiros do Eldorado perpétuo esqueceram de se perguntar por que há nele assinaladas tantas concessões de lavras a empresas estrangeiras.

A resposta só pode ser uma: não houve nacional que as pedisse. Então, proibir a concessão a interessados de fora não implica dizer que haverá interessados aqui dentro para os substituir. Os grandes grupos nacionais vão as querer sim, mas só, se e quando tiverem subsídios, garantias, empréstimos de favor e malandragens de todo o gênero. O risco será sempre, como tem sido, do contribuinte. O prejuízo

é nosso. Vide Carajás, o lucro dos oligopólios, vide Aracruz.

E quanto às cooperativas de garimpeiros — e tenham dó que isto não é assunto de Constituição — se os ornitorrincos pensassem dois minutos, logo veriam que são a melhor forma de revogar a Lei Aurea no seu centenário (e vivam Dantas, Nabuco e Patrocínio).

É evidente que os milhões de garimpeiros (segundo o NY Times, hoje no Brasil 5 milhões de pessoas vivem direta ou indiretamente do garimpo de ouro, constituindo a maior "corrida" da história da humanidade!) ao se organizarem em cooperativa, primários como são, vão virar escravos dos curiós e das baratas da vida. As cooperativas logo terão "donos". Pelegos. Usurpadores. Aproveitadores perpétuos. Usufrutuários. Donatários.

É o clientelismo, a santificação dos cartórios, o corporativismo fascista em marcha. Como nos sindicatos, igualmente da pré-história, igualmente manipulados, igualmente feudalizados e igualmente sacralizados.

A votação do capítulo da Ordem Econômica e Social foi a nossa journée des dupes. A jornada dos tolos. A vitória do atraso.

O carnaval dos platypus, o lucro dos práticos. A fundação da República Cartorial do Brasil. Paraíso das baratas. Alagado dos ornitorrincos. Sorvedouro do progresso. Pântano das esperanças.

O BRUCUTU

Falando de animais antediluvianos, o discurso do sr. Sarney no 1º de maio foi uma bofetada na cara do rei de Portugal e de todo o mundo.

Invadir a nossa casa para arrostar que sua grande realização é o reajuste mensal de salários é ajuntar insulto à injúria. De nos achar todos burros, como ele sabe lá quem.

Agora, se o troglô pensa mesmo assim, então está totalmente mentecapto. Mas não pode ser. Vamos ser justos. É má-fé.

Até o sr. Sarney é capaz de perceber que o reajuste mensal deve-se à inflação diária e que isto não é uma realização.

É a mera evidência do desastre que tem sido a desgraçada permanência do pitecantropo onde não foi chamado.

Vade retro. Vá brincar de URP — bumbá lá no Curupu, ó poeta.

Geraldo Forbes é advogado e consultor de empresas